

ITAPAJÉ
IRAUCUBA

ADOLESCENTES Na CAMPINA

A distância de uma para outra é de apenas 50 quilômetros, pela BR-222. Ficam a pouco mais de uma hora da Capital. Itapajé combate o problema como pode. Irauçuba apegar-se às boas intenções. Ambas são cidades pequenas, fragilizadas pelos poucos recursos para tratar seus casos de exploração sexual de crianças e adolescentes. Que também não são muitos, mas igualmente graves.

Por lá, os viajantes seguem principalmente para a rota de Sobral, onde o foco de meninas exploradas e os pontos de prostituição são muito maiores. Em Itapajé, só havia uma denúncia colhida em 2006 pelo Conselho Tutelar até a data da viagem, meados de setembro. Era a de uma menina de 14 anos, criada pela irmã, que se oferecia a homens mais velhos em dia de pagamento de aposentados. "Mas a irmã dela era prostituta, usavam drogas (cola e álcool) na casa dela. Havia todo um ambiente favorável para que a menina fizesse isso", descreve o conselheiro Antônio Marcos Rodrigues, 28, que já presidiu o órgão. "Aqui em Itapajé não são muitos casos (de exploração sexual infantil), mas existem". Em 2005, foram três registros.

Em Irauçuba, a assistente social Rejânia Barros cumpre con-

trato temporário para coordenar o Programa de Enfrentamento à Violência contra Crianças e Adolescentes. O trabalho já tem um ano, há uma sede, projetos e boas idéias e intenções em curso. "Mas o principal problema daqui é a conscientização", admite, em relação às possíveis denúncias também de abuso. Na beira da estrada, a localidade Campina (um posto de combustível desativado, bares e restaurantes) seria um ponto de presença das adolescentes exploradas, justamente num trecho entre os dois municípios. Oficialmente, na mesma época, nenhum caso havia sido registrado desde janeiro.

A menina que teve o caso registrado em Itapajé se oferecia para camioneiros na Campina, territorialmente também em Irauçuba, ponto comum do problema para as duas cidades. O POVO passou na localidade e os comerciantes confirmaram que as adolescentes vão ao local, embora hoje em muito menor proporção do que alguns anos atrás.

A propósito: à época da visita da equipe do O POVO a Itapajé, a garota de 14 anos havia deixado de freqüentar os pontos de parada de camioneiros e de pedir agrados e dinheiro aos aposentados. Mas o Conselho Tutelar admitiu que a menina também estava sem nenhum acompanhamento. (Cláudio Ribeiro)

IPAUMIRIM

>> NOITE na região de Itapajé e Irauçuba: poucos recursos para combater a exploração sexual de crianças e adolescentes

A AGENCIADORA DE ALICE

Ipaumirim, 12 de outubro de 2006... Dia da criança. Na BR-116, viramos à esquerda (sentido Fortaleza-Cariri) à procura da Cadeia Pública do município da Região do Cariri. O desfecho da narrativa a seguir deu-se entre as 23 horas dia 10 de junho de 2005 e às 18 horas do dia 2 de maio de 2006. A história é contada a partir dos depoimentos do processo nº 2005.0013.3707-8. O nome da adolescente é fictício e o da agenciadora, verdadeiro.

Diante do juiz e do promotor de Ipaumirim, Alice, uma adolescente de 16 anos de idade, reza em depoimento parte de sua meninice. Aos 13 anos, depois de ser aliciada por Luciene Araújo de Andrade, 35, foi forçada a fazer seu primeiro programa sexual. "Se ela não concordasse ia mandar o caminhoneiro lhe levar embora e matá-la no caminho". Diante da ameaça e medo, cedeu e foi obrigada a experimentar a primeira transa de sua

vida com um desconhecido.

Disse mais: foi parar no bar(cabaré) de Luciene Araújo, depois que a cafetina prometeu presentear-lhe com roupas e viagens. Viveu três anos na casa da aliciadora até o dia em que policiais militares e civis a flagraram no interior do "lupanário". Era 10 de junho de 2005 e além da adolescente mais oito adultas trabalhavam no lugar. Ao juiz, revelou que se deitava, em média, com quatro clientes diariamente e pezos serviços a agenciadora cobrava R\$ 15,00. O pouco dinheiro que ia para sua mão era apenas para se alimentar.

Além dos programas com homens que freqüentavam ou estavam de passagem pelo prostíbulo, situado na vizinhança do posto fiscal da Secretaria da Fazenda de Ipaumirim (Sefaz), Alice também era obrigada a beber "Ma-

zille" e fazer os pretendentes consumirem. Vender Mazille dava mais lucros. A ordem vinha de Luciene Araújo e qualquer recusa era reprimida com puxões de cabelos, pancadas e juras de morte, caso procurasse a polícia para denunciar.

Luciene Araújo sustentou, mesmo depois de presa em flagrante, que a história de Alice não passava de fantasia. Na cadeia pública de Ipaumirim, no dia 12 de outubro passado, afirmou ao O POVO que a adolescente estava na calçada de seu estabelecimento, e não dentro. Teria aparecido por lá com a intenção de prejudicá-la, a mando do pai, que nutria rusga contra a acusada. "Ele mesmo arranjava homens pra ela", rebateu a acusada.

Nem o promotor, Leydomar Nunes Pereira, nem o juiz, Cláudio Augusto Marques Sales, acei-

taram as versões de Luciene e as argumentações de seu defensor público. Baseado no que contou Alice e na concordância dos depoimentos das testemunhas, o juiz a considerou culpada, no dia 2 de maio deste ano, por "submeter criança ou adolescente à prostituição ou exploração sexual".

A aliciadora pegou cinco anos de reclusão e teve o "bar" fechado definitivamente. Hoje, Luciene é obrigada a se recolher diariamente, às 18 horas, à cadeia pública de Ipaumirim, ficando liberada às 6 da manhã do dia seguinte. Nos fins de semana e feriados cumpre a pena em tempo integral e, enquanto durar o castigo, não pode freqüentar bares, festas dançantes ou qualquer ambiente de aglomeração pública.

E Alice? Voltou pra casa, em Felizardo, distrito pobre de Ipaumirim. (Demetri Túlio e Cláudio Ribeiro)



BR116

Ipaumirim, localizada a 414,4 km de Fortaleza, fica na região do Cariri e faz limite com Cajazeiras na Paraíba (BR-230). O município ocupa a 55ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano do Ceará e a 3820ª no ranking nacional. Segundo o último censo do IBGE/2004 possui uma população de 11.670.



UM SUSTO no distrito de Queimadas, em Tianguá, a 500 metros do Piauí. A equipe do O POVO (dois repórteres, fotógrafo e motorista) encostava o carro para conversar com os PMs do posto fiscal do local quando, por alguns instantes, ficou sob a mira de fuzis. Como a área é zona de risco de assaltos, os dois soldados engatilharam as armas. Para piorar, simultaneamente, pelo outro lado do posto, um outro carro também se aproximou. Era preto, de vidro muito escuro, ninguém desceu nem desligaram o motor. Os repórteres se identificaram, mas a tensão dos policiais ainda demorou mais um pouco. Só acabou quando descobriram que o outro carro era do marido de uma funcionária do posto da Sefaz. Havia sido comprado naquele dia, por isso não foi reconhecido. Desfeito o mal-entendido, a história ficou apenas engraçada.

OS SETE POLICIAIS do destacamento da PM de Irauçuba têm um perfil diferenciado. Dos sete, só um não seguiu a vida acadêmica. Um é sociólogo, um é teólogo, um é formado em História e Geografia, um é matemático, um é músico, outro é formado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) e o sargento Galdêncio também tenta ser matemático. Segundo ele, a guerra de gangues e as drogas estimulam as garotas para a prostituição. (CR)